

TÍTULO DO TRABALHO			
A INFLUÊNCIA DO “ESTILO AMERICANO DE VIDA” NOS EDUCADORES BRASILEIROS PÓS 1930 E ALGUNS DE SEUS CRÍTICOS: Florestan Fernandes e a Federação Internacional Sindical de Ensino			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	FEBF/UERJ	Professora Adjunta
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>O objetivo do trabalho é analisar as contribuições de Florestan Fernandes e de uma publicação da editorial Vitória, <i>Educação norte-americana em crise (1956)</i> cuja organização é de autoria da Federação Internacional Sindical de Ensino (F.I.S.E). Para isso, de um lado será destacado o embate teórico que Florestan Fernandes à concepção de mudança social de Kilpatrick e ao enaltecimento do modo de vida americano presente produção de Counst; de outro lado apresentar-se-á a análise dos capítulos do livro <i>Educação norte-americana em crise (1956)</i>, cujo objetivo foi desmitificar os avanços da educação norte-americana. Os autores desenvolveram análises baseadas em fatos da sociedade americana para criticar as apologias ao estilo de “vida americano, democrático e livre”, alardeados para além do território norte-americano, pela política de Estado americano, pelas missões institucionais, pela propaganda, Filosofia pedagógica, pelas artes.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
“Florestan Fernandes”; “educação brasileira”; “ideologia do modo de vida americano”			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>The goal of this work is to analyse the contributions of Florestan Fernandes and of an <i>Editorial Vitória’s</i> publication named <i>Educação norte-americana em crise (1956)</i> (<i>North-American Education in Crisis</i>) organized by <i>Federação Internacional Sindical de Ensino (F.I.S.E.)</i> (World Federation of Teachers Unions). For this, on the one hand it will be detached the theoretical position of Florestan Fernandes against both the Kilpatrick’s conception os social change and Counst’s praise to the American way of life; on the other hand we will present the analysis contained in <i>Educação norte-americana em crise (1956)</i> (<i>North-American Education in Crisis</i>), whose goal is to demistify the progresses of north-american education. The authors developed analysis based on facts of the American society to criticize the apology of the “America life, democratic and free”, spread out far beyond US territory by the U.S. foreign policy, institutional missions, advertising, pedagogical philosophy and arts.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
“Florestan Fernandes”; “brazilian education”; “ideology of american way of life”			
EIXO TEMÁTICO			
Educação, classe e luta de classes			

A INFLUÊNCIA DO “ESTILO AMERICANO DE VIDA” NOS EDUCADORES BRASILEIROS PÓS 1930 E ALGUNS DE SEUS CRÍTICOS: Florestan Fernandes e a Federação Internacional Sindical de Ensino

Introdução

Os anos 30 e, posteriormente, após a II Guerra Mundial, o “estilo americano de vida” passou a ser referência para todo o mundo ocidental. Através do cinema, rádio, comics, música, agências internacionais, publicações acadêmicas. Enfim, todo um conjunto de ações que Florestan Fernandes denominou de influência do imperialismo total. Era o contexto da Guerra Fria que demandava, no caso do Brasil, alinhamento aos EUA e crescente anticomunismo patrocinado pelas empresas, mídia e setores religiosos.

A educação e, em específico a educação na escola pública para os trabalhadores e seus filhos, a partir da década de 1930, apresentou o desenvolvimento de ideias pedagógicas leigas, ecléticas e liberais. No campo da pedagogia, os embates aconteceram entre as vertentes tradicional e nova e culminaram com a articulação e predomínio da pedagogia tecnicista entre 1961-1969 (SAVIANI, 2007). Um aspecto estrutural deste processo é que os interesses privatistas não foram circunstanciais e materializaram-se em determinadas medidas que cercearam o desenvolvimento da educação popular e da escola pública.

Por exemplo, no debate em torno do substitutivo Carlos Lacerda (1958-1961), o fundamento era de que o Estado garantisse a liberdade do ensino privado. Mas o discurso de liberdade de ensino foi mitificado pela conjuntura de ‘caças às bruxas’ do período da Guerra Fria e disfarçava o principal, que era obter subvenção para a escola privada. Neste contexto, foi produzida análises críticas ao pensamento educacional hegemônico, que nem sempre tiveram destaque nas produções e/ou na formação docente.

O objetivo deste trabalho é analisar as contribuições de Florestan Fernandes e de uma publicação da editorial Vitória *Educação norte-americana em crise (1956)* cuja organização é de autoria da Federação Internacional Sindical de Ensino (F.I.S.E) e prefácio de Paschoal Lemme. Para isso, de um lado será destacado o embate teórico que Florestan Fernandes empreendeu à concepção de mudança social de Kilpatrick e do enaltecimento do estilo americano de vida presente produção de Counst. De outro, apresentar-se-á a análise dos capítulos do livro *Educação norte-americana em crise (1956)*, cujo objetivo foi desmitificar os avanços da educação norte-americana. Os autores desenvolveram análises baseadas em fatos da sociedade americana para explicitar as apologias ao estilo de “vida americana, democrática e livre”, alardeados para além do território

norte-americano, pela política de Estado americano, pelas missões institucionais, propaganda, Filosofia pedagógica, artes.

Embora a disputa no campo educacional estivesse entre as tendências liberais e conservadoras ou, em algumas circunstâncias, entre privatistas e defensores da escola pública pode-se afirmar que existiam produções críticas às concepções pedagógicas que tinham na sociedade norte-americana referência civilizatória e padrão educativo para as escolas brasileiras.

Portanto, apesar do aparente consenso que havia no campo educacional em torno das ideias pedagógicas escolanovista como moderna e progressistas na universidade (Florestan Fernandes) e na produção partidária (Editorial Vitória) haviam reflexões de defesa da escola pública em outras bases teóricas e políticas. Além disso, criticavam a exaltação, presente também no campo educacional, do estilo americano de vida

Florestan Fernandes e do debate com a pedagogia nova: interlocuções e críticas ao estilo de vida norte-americana na educação

Nos anos de 1950 e 1960 Florestan Fernandes teve como interlocutores na universidade os reformadores da educação nova: nos cursos e debates realizados no Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE) e no Centro Regional de São Paulo e na luta em defesa da escola pública. Foi no espaço dos centros que Florestan avaliou projetos e exerceu a interlocução, inaugurada na segunda metade dos anos 1950, entre teóricos da educação e cientistas sociais. (BARÃO, 2008).

Florestan participou em muitas atividades do Centro. Por exemplo, ao ser convidado para avaliar o projeto de organização do CBPE, explicitou a satisfação com tal iniciativa porque permitia articular pesquisa, teoria pedagógica e ação governamental, especialmente quanto à proposta de racionalizar a prática educacional. Para ele, “até, hoje, o que nos tem faltado, exatamente, no terreno da orientação e da realização das reformas educacionais é o apoio nos dados da pesquisa científica.” (FERNANDES, 1966, p.567).

Num depoimento, nos anos 90 ao INEP, afirma a interlocução e o papel positivo que os reformadores tiveram na construção de um projeto educacional

Anísio Teixeira via o problema da Educação de uma perspectiva muito ampla. Ele não pensava a Educação em termos estritos de uma atividade segregada, isolada do mundo, e quando ele pensava na educação, ele e os outros companheiros de geração, pensava na pedagogia, na filosofia, que são matérias por assim dizer intrínsecas à própria natureza do ato educacional. [...] esses educadores não vieram da Educação para a transformação da realidade. Eles fizeram o caminho inverso:

vieram da transformação da realidade para a Educação e para a concepção dos meios que o educador deve utilizar, de saber e de ação, para atingir os fins da educação (FERNANDES, 1991, p.30)

Reconheceu que embora os reformadores sejam representantes da concepção burguesa pedagógica eles propunham uma ruptura com a ordem burguesa existente, por isso

É preciso ver no que essa pedagogia burguesa foi sufocada; porque não deu seus frutos, apesar de todo o ardor, de todo o idealismo e de todo esforço, o que ela representou, o que teria produzido e por que a resistência à mudança nos colocou a necessidade de ter, atrás da Proclamação da República, uma república oligárquica; atrás de uma revolução liberal, um Estado Novo; atrás de uma tentativa de implantar uma democracia de participação ampliada, uma ditadura militar que durou até os nossos dias, sob a forma de transição dentro da transição (FERNANDES, 1991, p.34)

No entanto, não deixou de fazer crítica as concepções educacionais importadas ou as concepções teóricas que remetem ao “estilo americano de vida”. Em depoimento afirma que,

Lembro-me naquela época, na década de 40, se falava muito num livro de Kilpatrick, **A Educação para uma Civilização em Mudanças**. Eu, que fiz curso de Ciências Sociais, logo critiquei essa fórmula porque, como professor, dava aulas de Sociologia do Conhecimento para o curso de Filosofia. É preciso qualificar a mudança, que mudança nos pretendemos. É muito evasivo falar em uma civilização em mudança. A mudança pode ser para pior ou para melhor. Por isso, os especialistas falam em mudança social progressiva e em mudança social regressiva. E o dilema dos educadores é que nós ficamos presos dentro dessa ratoeira, uma ratoeira que implicava em supor que há um automatismo no processo de mudança, que a mudança irá sempre na direção progressiva e que acumulará formações e transformações inapeláveis. (FERNANDES, 1991, p.30)

Além do conceito abstrato de mudança que deixou os educadores reformadores “presos dentro da ratoeira” em artigos de resenha de livros (Anísio de Teixeira em 1957 ou Georgs S. Couts em 1959) Florestan desenvolve a crítica ao transplante de um projeto educacional que embora tenha um bom diagnóstico dos problemas educacionais, no caso das produções de Anísio, suas alternativas “ ou são incongruentes, em face do meio socio-cultural brasileiro; ou seriam facilmente deturpadas, desvirtuadas ou solapadas no plano da ação” (FERNANDES, 1966, p.564).

Para Florestan as propostas contidas no livro *Educação não é privilégio* podem despertar a consciência do educador “renovando solicitações reformistas ou revolucionárias, inerentes às polarizações utópicas que dão sentido à atividade profissional[...] mas seria duvidoso que eles produzissem, na prática os efeitos esperados” (FERNANDES, 1966, p.564). Essa crítica aos pressupostos teóricos dos reformadores da escola nova, reaparece em palestra ministrada num

sindicato em 1961, na qual afirma que “ os nossos reformadores educacionais realizaram suas famosas revoluções pedagógicas dentro da biblioteca. O que fizeram pode ser um bom começo, mas não passa disso” (FERNANDES, 1966, p.364).

Nos diversos trabalhos que compõem a parte I e IV do livro *Educação e sociedade no Brasil* constam ensaios e resenhas que apresentam críticas a determinados aspectos da Pedagogia Nova. É recorrente, por exemplo, a afirmação da transplantação acrítica dos modelos educacionais da França e dos Estados Unidos, evidenciada na concepção de mudança de Kilpatrick e exaltação da “liberdade americana” como uma referência utilizada por Counts, em conferência ministrada no CBPE e depois publicada em livro. (BARÃO, 2008).

A despeito de reconhecer o papel avançado das contribuições de Dewey, Kilpatrick e Counts para a sociedade norte-americana, considerava que as produções destes teóricos norte-americanos alimentavam certas ambiguidades no debate educacional no Brasil e deixavam os educadores reféns de uma concepção abstrata e equivocada de *Mudança* educacional. A discussão sobre as teses ambíguas de mudança de Kilpatrick tem relação com a crítica de mudança social como um conceito formalista que Florestan fazia aos sociólogos norte-americanos (BARÃO, 2008).

A temática da mudança social está presente em diversos artigos a partir de 1954 e de acordo com Florestan “todos os ensaios escritos depois de 1960, propõem-se como objetivo a interpretação de fenômenos da mudança social na sociedade brasileira, considerada isoladamente ou no contexto latino-americano.” (FERNANDES, 1974, p.19).

Deste conjunto existem dois trabalhos que Florestan explicita a crítica direta à concepção de mudança de Kilpatrick. O primeiro é o trabalho apresentado em 1959, e o segundo, o escrito em 1962. O primeiro foi apresentado no Centro Regional de Pesquisa de São Paulo e, portanto, é um ensaio de debate explícito com os teóricos da Pedagogia Nova. (BARÃO, 2008)

No trabalho apresentado em 1959, critica a formação do educador cuja base é a informação através de uma concepção livresca apartada de “um autêntico ponto de vista científico”, que restringe a análise dos problemas educacionais. No ensaio de 1962, constam reflexões sobre a Campanha de Defesa da Escola Pública nas quais analisa a qualidade e os fatores das ações conservadoras com relação às inovações na sociedade brasileira. Nesse artigo, ele explicita críticas às sugestões de Kilpatrick e à incorporação acrítica dessas teorias pelos educadores no Brasil. Para ele, na sociedade brasileira, “há uma crescente confusão na ideia de que ‘vivemos numa civilização em mudança’. Quanto mais nos aproximamos do padrão da civilização peculiar à Era Industrial, tanto mais nos acostumamos a um estilo de vida em que impera a instabilidade econômica, social e

cultural” (FERNANDES, 1976, p.216). Esta confusão, muitas vezes, tende a ocultar que não existe mudança social como valor em si mesmo, pois toda mudança pode produzir efeitos positivos ou negativos.

A alternativa para sair desta confusão supõe a instituição de mecanismos sociais que permitam o desenvolvimento dos seguintes aspectos:

1º) ampliação do horizonte cultural do homem comum para oferecer subsídios e alterar a forma e o conteúdo da articulação com a civilização ocidental;

2º) esclarecimento intelectual que associe a perspectiva individual e a consciência social e

3º) “realismo crítico enraizado em atitudes inconformistas de significação positiva para o desenvolvimento econômico, social e cultural do Brasil”. Neste aspecto Florestan explicita sua divergência na concepção de desenvolvimento econômico, que automática e espontaneamente produziria o desenvolvimento social. Para ele, o desenvolvimento não pode ser dissociado da democracia, que pressupõe luta de classes, interesses antagônicos e necessidade do realismo crítico enraizado em atitudes inconformistas. (BARÃO, 2008)

A resenha do livro *Educação para uma sociedade de homens livres na era tecnológica* de Cousnt, 1959, insere-se na parte IV do seu livro *Educação e Sociedade no Brasil*, porque nesta Florestan Fernandes organizou pequenos textos que tiveram como objetivo: ampliar o horizonte intelectual do educador na cena brasileira e os limites da educação importada dos Estados Unidos e da Europa. Assim, ele trabalha com o universo de valores desta filosofia importada em duas dimensões: problematização na realidade brasileira e explicitação de seus pressupostos ideológicos e filosóficos, por isso questionará a forma apologética de Counts sobre o padrão de liberdade norte-americano como modelo a ser seguido (BARÃO, 2008).

O CBPE organizou uma série de conferências denominadas ‘Educação e Sociedade’, com objetivo de anualmente convidar educadores brasileiros ou estrangeiros. O ano de 1957 iniciou a série tendo como convidado o professor Counts do Teacher’s College, Columbia University que, segundo Anísio Teixeira, era um dos grandes intelectuais da época. Em 1958, as conferências foram publicadas pelo INEP/CBPE. O livro encontra-se organizado em quatro partes: 1ª) Uma fé racional na Educação; 2ª) A educação e a revolução tecnológica; 3ª) A Educação e os Fundamentos da liberdade e 4º) O espírito da educação americana. As partes evocadas por Florestan na resenha são da primeira conferência “Uma fé racional na Educação”. (BARÃO, 2008). No Prefácio do livro

INEP/CBPE constata-se o teor panfletário na exaltação da produção de Counts, especialmente quando este critica a sociedade soviética e defende a liberdade na sociedade norte-americana¹.

Na conferência de Counts, constam dois aspectos similares à concepção de Kilpatrick e que divergem da prática docente e dos escritos sobre educação de Florestan, são elas: primeiro a nova geração deve seguir o seu caminho naturalmente, pois a criança deve atingir a maturidade através “de um processo de geração espontânea ou de íntimo desabrochar, que o mundo adulto, através dos seus estabelecimentos educacionais, deve apenas proteger e fomentar.” (COUNTS, 1958, p.12). Segundo, é a crítica ao papel formativo dos clássicos. De acordo com o autor, “esses clássicos, por mais preciosos que sejam, não podem ser considerados, sem as devidas reservas, os melhores produtos do espírito humano” (*op.cit.*, p.14).

Florestan, na resenha, considera que o autor norte-americano versou sobre questões óbvias em suas palestras e tem confiança moderada na educação liberal. O sentido moderado tem relação com a conclusão de Counts de que a educação não é positiva em si mesma, mas que está articulada com as concepções de civilização da sociedade onde está inserida. A fé na educação como escada para o progresso humano, portanto, parecia abalada. Florestan ressaltou algumas passagens e nelas concentrou suas críticas:

1º) questionou a transferência de responsabilidade à educação organizada, para explicar as disputas que levaram à II Guerra e à Guerra Fria, ou seja, explica estes conflitos pelo viés da educação, inclusive no caso da União Soviética. Counts afirma que, neste país, pela educação organizada, é estimulado o ódio de classe à nação norte-americana².

2º) questionou o que seria a “Sociedade de homens livres”, alardeada nas conferências. Para Florestan, este tipo de questão é essencial para o educador não “se converter, pura e simplesmente, em instrumento dócil de defesa de interesses sociais, disfarçados atrás da fórmula ‘educação para a democracia’, o educador tem o dever de separar, de maneira clara, os alvos que o animam das contingências ou ‘dilemas’ inerentes ao funcionamento dos sistemas em países democráticos”

¹ Uma observação é que a escrita do prefácio e a realização da Conferência de Counts se deram após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em fevereiro de 1956, onde Nikita Krushev apresentou um relatório explicitando várias acusações à direção de Stalin à frente da União Soviética. No prefácio, existem várias passagens sobre sua avaliação deste relatório, e também explícita, de um lado, anticomunismo, no que diz respeito à educação e à concepção de liberdade na União Soviética. De outro, o anticomunismo é associado à glorificação da sociedade e liderança internacional norte-americana.

² No livro organizado pela editora vinculada ao PCB, *A Educação norte-americana em crise*, na introdução ou, por exemplo, no artigo do pedagogo soviético Gontcharov, existem várias passagens que destacam professores organizados que enfrentaram a repressão do governo norte-americano.

(FERNANDES, 1966, p.613). Para ele, Counts utiliza recursos apologéticos na defesa do “estilo americano de vida”;

3º) recolocou a crítica recorrente que faz à Pedagogia Nova no Brasil, defendendo a necessidade de a importação educacional estar articulada com uma visão crítica e alicerçada na realidade cultural brasileira. Desta forma, recomenda aos professores: “ponderação é necessária, mesmo naquilo em que a educação moderna possa ser vista de forma geral e abstrata.” (op.cit., p.614). Esta ponderação Florestan manifestou no seu fazer científico, ao longo da sua produção, pois, embora reconheça a universalidade da produção científica, não a desvincula dos interesses de classe e não se furtou a estabelecer diálogo com a realidade brasileira, pois estes elementos são centrais para o desenvolvimento intelectual e a produção autônoma (BARÃO, 2008)

Editorial Vitória do Partido Comunista Brasileiro e a crítica ao “estilo americano de vida”: socialização sobre as dimensões da crise da educação norte-americana e da luta de seus professores pela democracia.

A publicação do livro *A educação Norte-americana em crise* é mais uma das referências sobre o debate pós 1930 até 1964 que demonstra como o campo educacional não ficou circunscrito apenas as ideias pedagógicas escolanovistas. Esse livro publicado no Brasil pela Editorial Vitória, ligada ao PCB, possibilitou a socialização da luta dos educadores norte-americano por democracia, melhores condições profissional, explicitação da crise educacional e dos limites da exaltação do estilo de vida norte-americano.

Pode-se afirmar que até os anos 60 o Partido Comunista Brasileiro cumpriu o papel de divulgação da literatura marxista através da organização de editoras (Vitória e Horizonte), jornais e revistas. Ou seja,

Entre 1944 e 1964, a principal fonte de difusão dos autores marxistas clássicos no Brasil se dá através das editoras ligadas ao PCB, Vitória e Horizonte. O partido organiza sua atividade editorial, sobretudo em torno da Vitória¹, dirigida por Leôncio Basbaum [...]. A atuação do partido através de suas editoras é fundamental também na distribuição dos clássicos vermelhos publicados em Moscou pelas Ediciones em Lenguas Extranjeras, Nóvosti e Progreso (PEREIRA, 2010, p.102).

O impacto político-cultural destas divulgações pela editorial Vitória no Brasil pode ser medido pela violência com que os militares, apenas dois dias após o golpe de 1964, invadiu a sua sede no Rio de Janeiro e a colocou na ilegalidade e “ nesse mesmo dia o escritório da Editorial Vitória

em São Paulo também foi invadido pela polícia e os livros que lá estavam estocados foram apreendidos” (MAUÉS, 2014)³.

O livro *A Educação Norte-americana em crise* teve a autoria da Federação Internacional Sindical de Ensino (F.I.S.E) e de outros autores. Sobre a Federação encontra-se em seu estatuto que

La FISE fue creada en Julio del 1946 por una conferencia en Paris. La FISE es una organización que une a los sindicatos y a las organizaciones profesionales de trabajadores en todas las categorías y niveles de educación sin distinguir la nacionalidad, la raza, las opiniones políticas, filosóficas o religiosas. Es parte de la Federación Sindical Mundial (FSM), la FISE esta conforme al artículo 13 de los estatutos de la FSM y tiene su propia soberanía y su propia carta internacional profesional determinada por las características y condiciones de la profesión de enseñante y la investigación científica. (F.I.S.E, s/d)

Paschoal Lemme, em 1953, recebeu convite da F.I.S.E para participar da ‘Conferência Mundial de Educadores’⁴, Berlim 21 a 25 de Julho de 1953, e posteriormente, transferida para Viena. De acordo com Lemme “ o temário organizado era de molde a interessar vivamente qualquer educador. Pretendia a Conferência dar um balanço na situação do ensino, em todo o mundo, estudar as condições do professor e sua ação na defesa de seus direitos, na democratização do ensino e na manutenção da paz”. (LEMME, 1955, p.15). Em seu livro *Educação na Rússia*, Lemme descreve a interlocução com diferentes delegações de professores dos países participantes da Conferência. E, mais uma vez, comprova a propaganda anticomunista que oculta as condições sociais e educacionais dos países socialistas e outros.

Posteriormente, no Brasil será Paschoal que escreverá o prefácio do livro *Educação norte-americana em crise*. Neste ratifica a contribuição da publicação, pois a democracia norte-americana e sua educação “vem sendo pregada entre nós, como um modelo a copiar” (F.I.S.E, 1956, p.12) . Além disso, “ a filosofia educacional e os métodos de Jonh Dewey, especialmente a partir de 1931, foram atabalhoadamente aceito entre nós, sem qualquer crítica, e justapostos à nossa precária organização escolar” (op.cit., p.12).

Destaca ainda como a influência do estilo de vida norte-americana penetra em nossa sociedade de diversas formas através do “ cinema, jornal, revistas em quadrinhos ou não, rádio, a propaganda comercial” (op. cit., p.13). A consequência dessa influência sobre a juventude tem “imprimindo [...] uma série de maneirismo e hábitos lamentáveis, com o abandono de nossas

³ Segundo Pereira (2010, p.148) “Editados pela Vitória na década de 1960, estão presentes entre os livros estudados a edição de 1963 do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, *Salário, preço e lucro*, de Marx (1963), *Obras escolhidas*, de Marx e Engels (1961, 1963), o primeiro volume das *Obras escolhidas* de Mao Tsé-Tung (1961), *Filosofia marxista; compêndio popular*, de Afanasiev (1963) e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels (1964)”.

⁴ A F.I.S.E segue em atuação e seu estatuto pode ser consultado em <http://wftufise.org/estatutos/>. Por exemplo, em 2012 aconteceu o XX Congresso da F.I.S.E, na Venezuela e 2013 aconteceram a “Conferência Internacional Sindical sobre Educação”, em Bruxelas e a “Conferência Internacional sindical: o papel dos docentes hoje”, na Grécia.

melhores e mais caras tradições” (op.cit., p.13). Na conclusão do prefácio aponta como a obra desvela os dilemas e as lutas dos professores norte-americanos pela democracia e a educação pública. Para Paschoal Lemme,

Os intelectuais, os educadores, o povo brasileiro em geral, precisam tomar conhecimento do movimento, este sim, verdadeiramente democrático, que o povo americano desenvolve e que cresce continuamente, na luta contra o ‘diabo amarelo’ e todas as suas manifestações: Macarthismo, racismo, propaganda de guerra, ação deletéria dos comics, do mau cinema, etc., etc. (op.cit., p.14)

Paschoal foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros e é referenciado como o marxista do grupo. No entanto, Pinheiro (2014) explicita com ênfase sua participação nos comitês democráticos (1945-1947), a interlocução com o PCB e diversos aspectos do seu livro *Problemas brasileiros de educação* (publicado pela editora Vitória em 1959), dentro outras dimensões.

A Educação Norte-americana em crise está organizada em duas partes. Na primeira consta um dossiê preparado pela F.I.S.E⁵, cujo ponto de partida são os fatos da situação educacional norte-americana, para o secretário geral da F.I.S.E, “ a educação americana não é uma instituição ou grupo de instituição de interesse exclusivo dos norte-americanos” (F.I.S.E, 1956, p.1956), pois é profunda a sua influência nos diversos países ocidentais.

Desta forma, interessa explicitar “o estilo americano de vida” tal como acontece cotidianamente nas suas escolas “ ver-se-á como a ‘livre empresa’, sob a direção dos grandes trustes, funciona. Ver-se-á o que ela faz pela educação e o que ela faz pela criança; e a crise moral e material em que ela mergulhou nesse período de preparação de guerra” (op.cit., p.19). Outro aspecto é a questão da articulação entre educação, sistema de guerra e financiamento presentes no slogan dos propagandistas do “estilo americano de vida”.

Nesta primeira parte trata-se das seguintes temáticas: 1) a crise crônica, 2) a falta de professores, 3) os salários baixos estão em contradição com os lucros das empresas, 4) a falta de prédios escolares e 4) os perversos efeitos do programa de guerra, 5) as desigualdades oportunidades educacionais e o caráter de classe; 6) evasão escolar e 7) a supressão da liberdade acadêmica e dos direitos civis dos professores, 8) as lutas dos educadores norte-americanos pela defesa da educação e da paz. Consta ainda informações sobre a realização no ano de 1951 de uma

grande conferência nacional pró-paz, da qual participaram delegados de todas as regiões do país. Um debate completo [...] foi dedicado ao tema: Educação de Nossas crianças - Para Guerra ou para Paz? Exemplos dos efeitos do programa de guerra sobre as escolas e os professores foram trazidos ao debate, de várias regiões do país. Foi decidido organizar um centro de coleta e distribuição de informações sobre a histeria de guerra e seus efeitos sobre os professores e a educação (op.cit., p.83).

⁵ Estudo publicado em inglês em 1952.

Na publicação da editorial Vitória e no estatuto da F.I.S.E a ênfase na educação para paz e contra a guerra guarda relação com a posição dos comunistas na defesa da Paz. Entretanto, como afirma Hobsbawn (1995, p.223) existiu um contexto histórico em que a “ situação peculiar que dominou até a queda da URSS [foi] o confronto das duas superpotência que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada Guerra Fria” e este produziu consequências em diferentes âmbitos da política e para manter a sua hegemonia os EUA optou pela articulação entre guerra, financiamento e educação.

Quanto a temática da supressão da liberdade acadêmica e dos direitos civis dos professores no dossiê da F.I.S.E informa-se que, de um lado, “os estudantes têm medo e falar sobre assuntos convertidos, de discutir conceitos impopulares e de participar de atividade política estudantil (op.cit., p.63). Em suas análises afirma “professores e estudantes da Universidade Ohio foram proibidos de convidar conferencistas sem a aprovação do Conselho de Diretores, que propôs verificar a ‘lealdade’ e aos ‘antecedentes’ de cada pessoa” (op.cit., p.65). De fato, apologia do estilo de vida norte-americana esconde em seu cotidiano escolar o controle, a verificação de lealdades e a interdição de ideias e organização política da juventude.

No caso em específico dos professores a F.I.S.E considera que

A liberdade acadêmica e os direitos civis dos professores foram sempre coisas precárias nos Estados Unidos, dependendo da localidade, da instituição, do caráter dos Boards of Regents e dos Conselhos de Educação, e da situação econômica e política. Mesmo nos melhores tempos sempre houve demissão em consequência da organização de associações de professores, pela crítica às condições econômicas e sociais, pela participação tiva na política ou pelas lideranças nas lutas de reivindicações. Cada situação crítica que o país defronta, produz uma onda de repressão e demissões, como por exemplo, antes e depois da Primeira Guerra Mundial e da depressão econômica de 1930 (op.cit., p.66).

A partir da conclusão do dossiê da F.I.S.E constata-se que o estilo americano de vida que não teve repercussão através das mídias ou das produções acadêmicas é o estilo de luta que os professores empreenderam para melhorar as condições na escola, como por exemplo, na Filadélfia a organização de “um Comitê de Defesa de nossas escolas, incluindo pais e professores” (op.cit., p.75). Ataques a escola pública que, posteriormente, desenvolvem-se no Brasil através dos interesses privatistas impresso no substitutivo Carlos Lacerda, tornam-se realidade nos Estados Unidos, pois

Em todo o país, os professores estão ficando cada vez mais alarmados com a generalização dos ataques sistemáticos de grupos reacionários contra as escolas públicas, em desenvolvimento em muitas regiões do país. Tal alarme manifestou-se nas convenções de 1951 da Associação Nacional de Educação e na Federação

Americana de professores. Em ambas, vários educadores mostraram que grupos organizados, cujo propósito é destruir o sistema de educação pública, ou de o reduzir aos '3 RR', estão se aproveitando, para seus objetivos, do ambiente criado pela cruzada anticomunista e pela histeria de guerra. Sob o pretexto de atacar os professores comunistas ou os livros escolares 'subversivos', ou a 'educação progressista', esses grupos visam ganhar apoio público para as suas atividades destrutivas. As duas referidas convenções resolveram lutar contra esses inimigos da educação e convidar as associações filiadas de todo o país a se unirem nessa luta (op.cit.,p.75/76)

Na segunda parte da publicação da Editorial Vitória consta autores de diversos países (Alemanha, França, União Soviética, Chile)⁶ que trazem em suas análises outras dimensões da crise da educação norte-americana: racismo, exames por meio de testes, pragmatismo e críticas a base filosófica de Dewey e outros.

Matthias ao proceder análise da educação americana destaca a degradação do professor e do desenvolvimento intelectual da população. Para ele as diversas publicações sobre os problemas da educação não se desdobram em superação dos dilemas educacionais de fato, por isso afirma que

Muitos pedagogos europeus precipitam-se com ardor sobre cada publicação nova, convencidos que, sob esse aspecto, a América está à frente do mundo inteiro. Se alguns consideram os Estados Unidos como o paraíso dos operários, outros veem neles o paraíso da infância e da juventude infantil. Mas essa opinião não é compartilhada pelos americanos capazes de ter uma opinião.[...] 'O que a América atingiu, o fez não graças ao seu sistema educativo, mas a despeito dele' (F.I.S.E, 1956, p.91)

Essa análise desmistifica o poder da educação, por si só, em proporcionar o desenvolvimento de uma nação e demonstra o papel secundário da educação nos EUA. Ademais, para o autor existe uma falta de curiosidade intelectual no cidadão comum e o número reduzido de bibliotecas por habitantes explica, em parte, a apatia intelectual da população. Desta forma,

As estatísticas das bibliotecas poderiam confirmar que o americano não lê. [...] A única literatura que os americanos leem com vivo interesse é a dos comics -book e comics-trip (histórias em quadrinhos, em livros, revistas e jornais), que são histórias ilustradas onde a importância é invertida, o texto apenas complementando a imagem. A função dos comics -que não são raramente, mas de regra geral, vulgares, obscenos e sanguinários - é tão grande que todos os jornais, com exceção do New York Times, sente-se obrigados a imprimir-los nos seus suplementos de domingo (F.I.S.E, 1956, p.126)

Associado a este rebaixamento intelectual tem-se na sociedade norte-americana o racismo que explicita como o liberalismo é excludente e desigual. Kennedy analisa que nesta " a segregação escolar não é absolutamente limitada aos vinte e um estados que têm leis escolares. Em quase todos

⁶ Os artigos são traduzidos da língua francesa e foram publicados em outros periódicos fora do Brasil.

os outros estados, além das consequências que pode ter sobre a frequência escolar a segregação residencial, as autoridades locais impõem uma segregação escolar obrigatória” (F.I.S.E, 1956, p.136).

Num outro capítulo ao analisar *Os exames por meio de teste na Universidade de Chicago*, Madeleine Dorléa, conclui que este método produz no estudante a interdição da reflexão, da análise das respostas e o impossibilita de assumir o protagonismo na sua formação. Portanto, afirmar que este tipo de educação serve ao imperialismo americano porque

O método dos testes exercita o estudante a responder a questões da maneira que satisfaça ao professor e não da forma porque parece justa ao candidato. O estudante é assim desarmado perante qualquer situação nova. Objetivamente, a extensão do método dos testes tem as seguintes consequências: desarma o cidadão americano perante as situações imprevistas, porque não leva a pensar por ele mesmo; assim, ele é mergulhado na desorientação pelos acontecimentos políticos nacionais e internacionais, procurando como compensação um derivativo qualquer (F.I.S.E, 1956, p.173).

Portanto, essa produção desmistifica o estilo americano de vida despolitizado e sem referência ao cotidiano das escolas que chegou à sociedade brasileira através da propaganda, da arte, das missões, etc. Com a publicação da Editorial Vitória percebe-se as seguintes dimensões da crise da educação norte-americana: de um lado, suspensão da liberdade estudantil e dos professores, degradação das escolas e carreira docente, rebaixamento intelectual da população americana, racismo, teste padronizado como método de apassivamento intelectual dos estudantes. De outro lado, coloca foco na resistência e na ofensiva na luta de classe dos professores e pais que articulados organizaram comitês de defesa da escola pública, dentre outros. O caminho da luta consta como elemento de esperança e da solidariedade necessária a esses professores, conforme declara a F.I.S.E.

Considerações Finais

As áreas da história da educação e do marxismo, educação e luta de classes têm possibilidades de pesquisa para apreender as concepções teóricas contra-hegemônica que foram sendo silenciadas ou esquecida ao longo da produção acadêmica. Na educação Florestan Fernandes é mais estudado pela defesa que faz da escola pública, os livros de Paschoal Lemme não são referências na formação de professores e o debate sobre a crise da educação americana dos anos 50 é pouco analisa na produção acadêmica.

Pode-se afirmar que Florestan, no debate educacional nos anos 50-60, teve uma posição à esquerda dos educadores vinculados à Pedagogia Nova. É possível encontrar semelhanças entre sua posição e a de Paschoal Lemme no que diz respeito à crítica à fundamentação filosófica dos teóricos americanos (Counts, Kilpatrick) e à forma como a Pedagogia Nova no Brasil assumia as importações educacionais. Ademais, a educação como problema social, ou seja, a educação em uma sociedade de classes – mesmo nos países capitalistas desenvolvidos que realizaram a revolução burguesa clássica – sofrerá tensões e viverá dilemas que não serão resolvidos. A publicação da Editorial Vitória apresenta várias temáticas e dimensões destas tensões e dilemas não resolvidos na sociedade e na educação norte-americana.

O debate com Kilpatrick, cujo foco é a precisão conceitual e a dimensão crítica no debate da mudança social, demonstra como a produção educacional de Florestan, Paschoal Lemme e F.I.S.E nas décadas de 50 e 60, era de contestação à ordem burguesa e à despotilização dos dilemas educacionais.

Quanto aos escritos que propõem referências empírico-teóricas, destaca-se a preocupação com a precisão conceitual de mudança social e valorização do diagnóstico fundamentado e referenciado na sociedade de classe para que as alternativas não estejam desvinculadas dos dilemas sociais concretos. Para isso, estabelece crítica as importações educacionais e a valorização da liberdade e do estilo de vida norte-americano que entra no Brasil apartado das condições concretas da luta de classe. Assim, a transplantação educacional deve ser objeto de crítica.

Neste sentido a pesquisa da publicação da Editorial Vitória permite articular e ampliar o debate que Florestan estabelece com a pedagogia nova, pois apresenta dimensões da realidade norte-americana que expõem os dramas da repressão ao pensamento inconformistas dos professores e estudantes, do racismo, da evasão e do caráter de classe das desigualdades educacionais, pois como consta no título de um dos capítulos “estilo de vida do sul” corresponde a diversas formas de discriminação no norte.

Referências

BARÃO, G. O. D. *As Contribuições Educacionais de Florestan Fernandes: debate com a Pedagogia Nova e a centralidade da categoria Revolução*. Tese de doutorado, Campinas: UNICAMP, 2008.

COUNTS, G. S. *Educação para uma sociedade de homens livres na era tecnológica*. RJ: INEP/CBPE, 1958.

F.I.S.E. Estatuto. Disponível em: <http://wftufise.org/estatutos/>. Acesso em 2/6/2015.

FERNANDES, F. *Mudanças sociais no Brasil*. SP: Difusão européia, 1974

_____. *A sociologia numa era de Revolução Social*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1976.

_____. *Educação e sociedade no Brasil*. SP: Dominus editora, 1966.

_____. *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. SP: Ed. Pioneira, 1971.

HOBBSBAWM, E. *A Era dos Extremos: 1914 - 1991*. RJ: Cia. das Letras, 1995.

KILPATRICK, W.H. *Educação para uma civilização em mudança*. SP: Melhoramentos, 1969.

LEMME, P. *A Educação na U.R.S.S.* RJ: Editorial Vitória, 1955.

MAUÉS, F. Livros, editoras e oposição à ditadura. Estudos Avançados, SP, 28 (80), 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/09.pdf>.

PEREIRA, L. L. C. *A lista negra dos livros vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp125757.pdf>

PINHEIRO, M. C. de O. *Dos Comitês Populares Democráticos (1945-1947) aos Movimentos de Educação e Cultura Popular (1958-1964): uma história comparada*. Tese de doutorado, RJ: UFRJ, 2014.

DERMEVAL, S. *História das Ideias pedagógicas*. Campinas: Autores Associados, 2007.